

UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DA METÁFORA*

Maria Ivoneti Busuardo RAMANDON

ABSTRACT: Na tentativa de elaborarmos um método de análise da metáfora, procederemos a uma breve síntese das idéias de Derrida e de Ricoeur, apontando nelas pontos nucleares a serem aplicados. De posse desses referenciais, montaremos um instrumental de análise, aplicado em seguida.

Entendendo que a metáfora é um procedimento lingüístico de amplas repercussões na situação discursiva, pretendemos, neste trabalho, construir, a partir de uma articulação teórica, uma metodologia de análise. Para tanto, parecem-nos produtivas as idéias de Derrida (1973) e de Ricoeur (1992).

Ao discorrer sobre a origem da linguagem, Derrida afirma que a “metáfora é o traço que reporta a língua à sua origem” (1973:330). Para ele, os primeiros homens, guiados pela paixão e necessidade, falaram uma língua viva e figurada, resultante de seu afeto para com os objetos. Se os primeiros motivos que os fizeram falar foram as paixões, as suas expressões primeiras foram as figuras.

A primeira língua teve de ser figurada, marcando assim a aparição tanto da fala quanto da metáfora: uma língua simbólica, baseada em semelhanças, em comparações, em imagens vivas. Entendemos assim que o homem, deixando-se fascinar pelo objeto e, esforçando-se para dar expressão adequada às necessidades de seu espírito, passou a falar metaforicamente.

Mas como entender que os primeiros homens, movidos pela necessidade de comunicação, privilegiassem o sentido figurado inscrito na metáfora? O sentido próprio não estaria mais adequado à lógica, à precisão? Para responder a isso, à luz das concepções de Derrida, a metáfora deve ser entendida como processo de idéia ou de sentido, antes de o ser como jogo de significantes. A idéia é o sentido, o significado, mas é também um signo da coisa, uma representação do objeto no espírito e, por extensão, uma representação do afeto e da paixão. A metáfora, antes de prender-se em signos verbais, é a relação do significante ao significado como resultado dessa paixão. Então, “o sentido próprio será a

* Este trabalho foi apresentado em uma sessão de posters coordenados

relação da idéia ao afeto que ela exprime.”(op. cit.: 336). Porque, na busca da melhor expressão para designar a verdade do objeto, a metáfora acede a uma verdade objetiva, configurada no sentido próprio.

Para Ricoeur, a metáfora é o resultado lingüístico obtido pela ação da imaginação e do sentimento. A imaginação desempenha o papel de buscar semelhanças, promovendo um “insight” das similaridades. Nesse sentido é entendida como visão (um pensar e um ver), que, na produção do novo significado emergente da metáfora, consiste em misturar semelhanças e diferenças, próprias das similaridades.

Semelhanças e diferenças são obtidas porque a imaginação passa a atuar como um gerador de imagens que retrata iconicamente a inovação predicativa da metáfora. Como? Vendo similaridades, gerando proximidades, enfim, expondo relações figurativamente, daí a dimensão pictórica da imaginação.

Outro aspecto da imaginação diz respeito ao “epoché”, suspensão do sentido literal que, ao ser apenas suspenso, cria tensão com o novo. A coexistência de ambos é que traz a ambigüidade à referência, tornando-a dividida. A função da imaginação é manter uma dinâmica solidária entre o “epoché” e a projeção de novos modelos, para ler simbolicamente a realidade.

No que se refere ao sentimento, Ricoeur afirma que, juntamente com a imaginação, alcança o teor semântico da metáfora, pois acompanha-a na sua função de esquematização da nova congruência predicativa que, além de “vista”, passa a ser sentida. Ao dizer que ela é sentida, enfatiza-se o fato de que nele atuam sujeitos conscientes, num processo de assimilação intencional (subjetivação), uma espécie de compromisso entre o sujeito e o objeto assimilado, que se materializa na força ilocucionária da metáfora. “Sentir é tornar nosso o que foi colocado à distância pelo pensamento em sua fase de objetivação.” (Ricoeur:157).

Entendemos que tanto a imaginação como os sentimentos empreendem um trabalho de apreensão do real por meio da esquematização. Essa mediação revela um movimento intencional e interior que busca objetivar situações sentidas e pensadas. Emerge das estruturas da imaginação e do sentimento uma intenção cognitiva que se materializa lingüisticamente na metáfora. Entende-se, porque Ricoeur, a

partir de uma analogia estrutural entre os componentes cognitivos, imaginativos e emocionais, atribui à metáfora uma função constitutiva.

Como podemos aproximar Derrida de Ricoeur? A nosso ver, trata-se de visões complementares que partem de um mesmo ponto: o sujeito, ou melhor, o modo como este vê o mundo, “o ver como” de Wittgenstein, recuperado por Ricoeur (1992:51). Se em Derrida isso se faz pelas vias perspectivas do afeto e da paixão, em Ricoeur, o sujeito aciona a imaginação e o sentimento como esquemas provedores de imagens sentidas e pensadas.

Outro ponto de aproximação entre Derrida e Ricoeur está na questão do sentido literal ou próprio, que, em Derrida, significa um modo de garantir, num momento subsequente, a emissão figurativa da metáfora, e, em Ricoeur, a própria natureza da referência dividida, que se ambigüiza na preservação do sentido literal.

De posse desses referenciais é que traçaremos um método de análise para a metáfora. Entendendo-se, pois, que se opera nela um desligamento do sentido literal, como se “fios” de significação fossem trazidos daquele para este, investigar, no labirinto das formas lingüísticas, os “fios” que unem os sentidos novos aos antigos, parece-nos ser uma via segura. Buscaremos, portanto, na etimologia da palavra metaforizada um ponto de apoio. Supomos que os sentidos novos guardam sempre resquícios dos antigos, que seriam sempre a base de semelhança com aqueles. Por mais que a palavra adquira novos matizes semânticos, perpassa em todos eles o sentido primitivo do étimo.

Além disso, verificaremos o papel da imaginação e do sentimento como instrumentos acionados pelo sujeito para explicar metaforicamente a realidade que descreve.

Mas o novo sentido da metáfora adquire pertinência semântica se examinado pelo contexto. De fato, Paschoal orienta-nos a buscar no contexto a significação metafórica, pois considera que esse “desempenha um papel fundamental para sua compreensão”. (1990:116).

Isto posto, analisaremos a metáfora “esférica” no texto (em anexo) “A alma esférica do carioca”, de autoria de Armando Nogueira.

Trata-se de um texto em que o autor consola as pessoas, dizendo-lhes que se o carnaval acabou, restam-lhe as alegrias do futebol: “Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente, mais alegre de nosso alegre país.”

Levando-se em conta o conjunto dos sentidos expressos no texto, podemos estabelecer um paralelo, a partir da referência “binômio carnaval-futebol”, como nos sugere o radical “bi” de binômio que indica dualidade, repetição.

Assim, encontram-se, disseminadas, ao longo do texto, expressões cujos significados ora nos remetem ao carnaval, ora ao futebol. Temos de um lado: “samba”, “fantasia dos samba”, “palanque”, “desfile”, “Salgueiro”, “Mangureira”, “Império”, “passos”, “tamborim”, “couro de gato”, “repicando”, remissivos a carnaval. E de outro, “ardente realidade”, “Maracanã”, “rampas”, “assentos”, “chute”, “grama”, “área a área”, “Fluminense”, “Flamengo”, “Botafogo”, “passes”, “Gol”, “boca do túnel”, “bola de couro”, “quicando”, remissivos a futebol.

A distribuição dos termos no contexto leva-nos a admitir dois blocos de significação que se obtêm pela contaminação entre eles dos traços semânticos inscritos nesses termos. O que nos sugere inicialmente um movimento de alternância a dirigir a vida do carioca, oral voltada ao carnaval, ora ao futebol.

No entanto, se considerarmos a conexão, a coerência estabelecida entre todos os elementos textuais, veremos que, num plano mais profundo, subjaz a idéia de circularidade, de ciclicidade a reger a vida do carioca, visceralmente dividida entre o samba e o futebol.

Entendamos a metáfora, centralizada em “esférica” como o produto lingüístico cujo semantismo encampa o pêndulo vital de gente embalada lúdico-musicalmente. A etimologia de esférico (do grego Spharikos, pelo latim Sphaericu) registra, entre as várias acepções, o que tem forma de esfera, redondo, globoso (Ferreira:694). Decompondo-se a metáfora, temos em “alma” o “teor, em “esférica” o “veículo”¹ explícito e em “carnaval e futebol” o “veículo” (implícito na construção metafórica, mas explícito no contexto).

¹ De acordo com Richards, “teor” é a coisa de que falamos e “veículo” é aqui com que a comparamos (Ullman: 1973:442)

A metáfora, que dá título à crônica, direciona o leitor, levando-o a buscar no texto, pistas semânticas que o explicitem. Assim, podemos vislumbrar o sentido de esfericidade, seja em sua acepção literal, em termos como “Maracanã” (por suas dimensões físicas), em “tamborim”, em “bola”, seja em seu sentido figurado, em “alma”, no contexto, eternizada.

Em “alma esférica do carioca”, temos, pois, uma metáfora que, se expandindo para além da palavra, inscreve-se no conjunto textual. Sua interpretação, integrada a uma leitura global do texto, permite-nos dizer que ela o estrutura, tornando-se metáfora-síntese pelos seus desdobramentos semânticos. E, ao fazê-lo, redimensiona-lhe os sentidos, passando a designar uma maneira particular de o narrador reescrever a realidade.

Em síntese, a metáfora “esférica” resulta dos componentes afetivo-imaginativos do narrador, que por eles se inscreve nas relações sintagmáticas do contexto.

A metáfora, como linguagem simbólica, re-descreve a realidade, emergente da sempre renovada conexão entre as coisas; se não fosse assim, como entenderíamos que os sentidos primitivos de “esfericidade, desdobrados e expandidos semanticamente, pudessem designar a “alma do carioca”?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DERRIDA, J. (1973). *Gramatologia*, S.P., Cultrix.
- JAKOBSON, Roman (1969). *Linguística e Comunicação*. S.P. Cultrix.
- PASCHOAL, Mara S. Z. (1990). *Em busca do processo de elucidação do processo de compreensão da metáfora*. Campinas, I. E. L., Unicamp.
- RICOEUR, Paul (1983). *A Metáfora Viva*. Porto, Rês Editorial.
- _____. (1992). *O Processo Metafórico como Cognição, Imaginação e Sentimento*. In SACKS, Sheldon. *Da Metáfora*, (1992). S.Paulo, Pontes.
- ULLMANN, S. (1973). *Semântica. Uma introdução à Ciência do significado*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.
- WARNOCK, Mary (1993). *La Imaginacion*. México, Fondo de Cultura Económica)

Anexo

A ALMA ESFÉRICA DO CARIOCA

Chego do mato vendo tanta gente de cara triste pelas ruas, tanto silêncio de derrota dentro e fora das casas, como se o gosto da vida se tivesse encerrado, de vez, com as cinzas do finado carnaval dos últimos dias.

Imperdoável melancolia de quem sabe, e sabe muito bem, que esta deliciosa cidade não é samba, apenas; que o *Rio*, alma do Brasil, afina também seus melhores sentimentos populares por outra paixão não menos respeitável - o futebol.

Esse abençoado binômio, carnaval-futebol, é que explica e eterniza a alma esférica da gente mais alegre de nosso alegre país.

Por que, então, chorar a festa passada se ao breve ciclo da fantasia do samba logo se segue a ardente realidade do futebol? Desmontaram o palanque por onde desfilou a elite do samba? E daí? Lá está o Maracanã, rampas gigantescas, assentos intermináveis, tudo pronto para o grande desfile de angústias e paixões que precedem a glória de um chute. Agora mesmo, alguém me veio dizer, contente, que a grama está uma beleza, de área a área, e que, com as últimas chuvas, o verde rebentou verdíssimo.

Salgueiro, Fluminense, Mangueira, Flamengo, Império, Botafogo - milagrosa alternância de emoções na vida de uma cidade; passos e passes de uma gente que curtiu seu amor ao mesmo tempo no contratempo de um tamborim e no instante infinito de um gol.

Mas se foi o Salgueiro, já vem chegando o Flamengo, preto e vermelho, apontando, ardente, na boca do túnel que se abre para a multidão em delírio.

Couro de gato, bola de couro, quicando e repicando pela glória de uma cidade que não tem por que chorar tristezas.

Rio.